

# FUNDAMENTAL NÃO TEM PARQUE: A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

## ELEMENTARY SCHOOL HAS NO PLAYGROUND: THE TRANSITION FROM KINDERGARTEN TO ELEMENTARY SCHOOL



**RENATA ALMEIDA VIEIRA**

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Universidade Federal de São Paulo (2019); Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura do Município de São Paulo (desde 2017).

### RESUMO

O presente relatório aborda a experiência da Residência Pedagógica no Ensino Fundamental (RPEF) na Escola Municipal de Guarulhos EPG Helena Antipoff, com foco na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. A pesquisa destaca como essa mudança impacta a rotina e as vivências das crianças, especialmente no que diz respeito ao brincar e às atividades lúdicas, que tendem a ser reduzidas em favor de práticas mais mecânicas e repetitivas. O estudo problematiza a visão institucional da infância, evidenciando como discursos e práticas reforçam a ideia de que, ao ingressarem no Ensino Fundamental, as crianças devem adotar comportamentos mais disciplinados e voltados exclusivamente para o aprendizado formal.

A análise baseia-se em observações realizadas durante a Residência Pedagógica no primeiro semestre de 2017, revelando que a escola não contempla plenamente a continuidade das práticas lúdicas no ensino fundamental. Elementos como a proibição do uso do parque pelas crianças do primeiro ano e a concepção do brincar como atividade secundária demonstram um distanciamento entre as necessidades infantis e a organização pedagógica da escola. A pesquisa dialoga com autores como Vygotsky, Sarmiento e Fortuna, enfatizando a importância do brincar no

desenvolvimento integral da criança e propondo reflexões sobre a necessidade de um planejamento pedagógico que equilibre o ensino formal e as experiências lúdicas.

**Palavras-chave:** Transição Escolar; Ensino Fundamental; Educação Infantil; Ludicidade; Educação.

## ABSTRACT

This report covers the experience of the Pedagogical Residency in Primary Education (RPEF) at the Helena Antipoff Municipal School in Guarulhos, focusing on the transition from Early Childhood Education to Primary Education. The research highlights how this change impacts children's routines and experiences, especially with regard to play and playful activities, which tend to be reduced in favor of more mechanical and repetitive practices. The study problematizes the institutional view of childhood, highlighting how discourses and practices reinforce the idea that, on entering elementary school, children should adopt more disciplined behaviours and focus exclusively on formal learning. The analysis is based on observations made during the Pedagogical Residency in the first semester of 2017, revealing that the school does not fully contemplate the continuity of play practices in elementary school. Elements such as the ban on first graders using the playground and the conception of play as a secondary activity show a gap between children's needs and the school's pedagogical organization. The research dialogues with authors such as Vygotsky, Sarmiento and Fortuna, emphasizing the importance of play in the integral development of the child and proposing reflections on the need for pedagogical planning that balances formal teaching and playful experiences.

**Keywords:** School Transition; Elementary School; Early Childhood Education; Playfulness; Education.

## INTRODUÇÃO

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Guarulhos é um programa especial de estágio que desde 2009 é desenvolvido pelo curso de Pedagogia em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos e constitui-se em um dos elementos da formação inicial para futuros profissionais que têm, a partir do contato com a escola-campo e com os sujeitos à ela vinculados, vivências e momentos significativos para sua formação e, em contrapartida busca contribuir para a contínua formação das/os profissionais que já atuam na escola pública, visando também diminuir a distância entre a universidade e a educação básica e mais especificamente, entre a teoria e a prática.

O objetivo deste relatório é levantar um debate acerca da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, dessa forma, pensar qual espaço o brincar e as atividades lúdicas ganham nessa nova rotina, levando em conta quem são esses sujeitos que passam por essa mudança. Busca também refletir sobre qual é a visão de infância demarcada nessa nova etapa, indo de encontro às análises do período de Residência Pedagógica realizado no 1º semestre de 2017.

No contexto brasileiro, algumas pesquisas sinalizam um processo de *impasse* na transição entre a educação infantil e o ensino fundamental [...]. Tais impasses foram localizados, principalmente, na entrada das crianças no ensino fundamental, caracterizado por um maior controle corporal e desenvolvimento de atividades de caráter repetitivo. (NEVES, GOUVÊA E CASTANHEIRA, 2011, p. 124)

A Residência Pedagógica em questão, teve início no dia 27 de março de 2017 na escola da rede municipal de Guarulhos EPG Helena Antipoff que funciona em três períodos, sendo eles manhã, intermediário e tarde. A instituição atende 900 crianças desde o berçário até o quarto ano do Ensino Fundamental I. A turma que acompanhei durante o período de imersão na escola é a de primeiro ano.

O período de quase um mês em que estive em constante contato com a escola, as crianças, professoras/es, equipe de gestão, demais funcionárias/os e famílias foram de muita importância para compreender a forma como os espaços e tempo eram organizados e estruturados, como se dava as relações entre crianças-crianças, adultos-crianças e adultos-adultos nessa escola. Assim como foi essencial para a reflexão, elaboração e aplicação do Plano de Ação Pedagógica (PAP) aplicado com a turma de primeiro ano que acompanhei e em parceria com a professora titular.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA-CAMPO

### Localização e entorno

A imersão em Residência Pedagógica no Ensino Fundamental (RPEF) aconteceu na EPG Helena Antipoff, em um bairro periférico do município de Guarulhos, estado de São Paulo. O entorno da escola tem por característica possuir muitas residências e pouco pontos comerciais. Não possui em sua proximidade nenhum outro aparelho cultural de acesso à comunidade além da própria escola.

### Sobre a rotina da escola

A escola funciona das 7h às 19:00h. Com três períodos de atendimento: Manhã (das 07:00h às 11:00h), Intermediário (das 11:00 às 15:00) e tarde (das 15:00h às 19:00). O momento de planejamento coletivo, intitulado no município de Guarulhos como Hora Atividade, dura uma hora e acontece três vezes por semana, nas segundas, terças e quintas-feiras.

### Da gestão, professoras/es e demais profissionais

O grupo responsável pela gestão escolar é composto por uma diretora, uma vice-diretora e duas coordenadoras. Cada turma fica sob a responsabilidade de uma professora titular e a partir do 1º ano do Ensino Fundamental as crianças começam a ter aulas com professoras/es especialistas de

Educação Artística, Educação Física e Língua Inglesa. A escola possui também profissionais responsáveis pela secretaria, portaria, limpeza e pela monitoria das crianças enquanto elas estão nos corredores e nos horários que envolvem alimentação. É válido destacar que a escola atende crianças com deficiências e existe uma profissional de uma empresa que presta serviços para a prefeitura de Guarulhos que é responsável por acompanhar essas crianças nos momentos de alimentação e higiene.

### **Dos espaços da escola**

A escola em questão possui dois prédios, um deles acomoda as salas de aula que vão desde a Educação Infantil até o 4º ano do Ensino Fundamental. Nesse mesmo prédio se encontra a sala de professoras/es, a sala onde são guardados materiais de uso pedagógico, a secretaria, a cozinha, o refeitório e a sala reservada para profissionais da gestão escolar. Ao lado, existe um outro prédio um pouco menor que seria destinado a programas e atividades a serem desenvolvidas com as famílias e comunidade, mas esse projeto não foi consolidado e só funciona neste prédio uma brinquedoteca destinada às crianças da Educação Infantil e uma sala de leitura que está inutilizável por não possuir profissionais que trabalhem lá.

## **TEMA PROBLEMATIZADO NA RPEF**

### **“FUNDAMENTAL NÃO TEM PARQUE: A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL”**

A passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, certamente é um marco na vida das crianças, que está ganhando bastante visibilidade no campo acadêmico, tanto nacionalmente como no cenário internacional. Várias pesquisas buscam analisar e entender essa transição que ocorre entre etapas que possuem muitas singularidades e essa mudança que coloca as crianças, a partir de sua entrada no Ensino Fundamental, em um ambiente completamente diferente do que as elas conheciam por escola.

Com a implementação do Ensino Fundamental com duração de nove anos, a entrada nessa etapa da educação que antes acontecia com sete, passa a acontecer com seis anos e nos leva a pensar quem são essas crianças? Quais expectativas elas carregam? O modelo de escola que temos hoje contempla essas crianças que adentram o Ensino Fundamental I mais cedo? Qual o papel das/os professoras/es frente a esses novos sujeitos? Qual é a visão de infância e de educação que devem ser privilegiadas? Os questionamentos são inúmeros e reforçam a necessidade dos estudos feitos nessa área chegarem até essas/es profissionais que trabalham na Educação Básica e lidam diariamente com tais questões.

Santos e Vieira (2006) e Kramer (2006) consideram que a ampliação da obrigatoriedade escolar convoca pesquisadores, educadores e legisladores a investigar como a educação infantil e o ensino fundamental se relacionam articulando discursos e práticas educativas no sentido de compreender as especificidades das experiências dos diversos sujeitos sociais envolvidos nesse processo. (p. 123)

Ao frequentarem a Educação Infantil muitas crianças se habituem as rotinas, espaços e tempo singulares, tendo como característica a forte presença de momentos lúdicos, voltados às práticas de brincar, imaginar e criar, já que existem discussões antigas que se estruturam em torno da criação de ambientes de educação da primeira infância que sejam pensados dando a devida atenção às vivências, experiências, socialização e brincadeiras que darão suporte para um desenvolvimento integral das crianças.

No período de Residência Pedagógica, foi perceptível que a visão do grupo escolar sobre o que é ser criança, a partir da entrada no Ensino Fundamental é alterada, se antes a rotina era baseada na ludicidade, agora as atividades mecânicas e repetitivas ganham força total e argumentos como: “Você não é mais bebê”, “Agora vocês são grandes”, permeiam grande parte dos momentos de interação entre os adultos e as crianças. O fato de terem seis e não mais cinco anos e de não pertencerem mais à Educação Infantil são usados como reforçadores dos novos moldes que começam a ser impostos na rotina escolar. FREITAS (2003) já nos chamava a atenção para o fato de atentarmos à infância como uma construção cultural e histórica, compreendendo que as abstrações numéricas não podem dar conta de sua variabilidade. (p. 21)

Em especial, uma situação me chamou atenção e me fez refletir acerca dos planejamentos e práticas no Ensino Fundamental, que foi o fato de as crianças do primeiro ano não poderem usar o parque, mesmo com o pedido da professora para a equipe de gestão, que negou e alegou que “Fundamental não tem parque”. Tudo isso sem qualquer debate ou possibilidade de contra argumentação por parte da docente, mas tomando para si uma postura de repercutir esse pensamento que há tantos anos cerca essas crianças que entram no Ensino Fundamental. CASTANHEIRA, GOUVÊA e NEVES afirmam que:

Ao inserir-se no ensino fundamental, as crianças depararam-se com um hiato entre as experiências desenvolvidas na educação infantil e as práticas educativas da nova escola. Assim é que o brincar, um dos elementos centrais da cultura de pares e do cotidiano da educação infantil, foi situado em segundo plano no contexto da sala de aula. (p. 138)

Um dos principais pontos a ser destacado e, que está diretamente relacionado com essa transição é escasso espaço que o brincar ocupa dentro dos momentos vivenciados pelas crianças na escola. A maioria do tempo é ocupado com atividades voltadas à alfabetização e, as brincadeiras que poderiam ser parte integrante da rotina, muita das vezes acabam virando um prêmio para aquelas/es

que terminam todas as lições no fim do dia. Fortuna (2000) traz importantes contribuições para se pensar tais práticas:

Nos raros momentos em que são propostos, são separados rigidamente das atividades escolares, como o "canto" dos brinquedos ou o "dia do brinquedo" - e, assim mesmo, apenas nas escolas infantis, pois nas classes de ensino fundamental estas alternativas são abominadas, já que os alunos estão ali para "aprender, não para brincar". O brincar, literalmente acantonado, deste modo não contamina as demais tarefas escolares, sendo mantido sob controle. Só se brinca na escola se sobrar tempo ou na hora do recreio, sendo que estes momentos correm, permanentemente, o risco de serem suprimidos, seja por má conduta, seja por não ter feito o tema ou ainda por não ter dado tempo. Às vezes, a supressão do recreio se estende à hora da merenda, e mesmo que esta não seja, a priori, uma atividade lúdica, representa um momento prazeroso diferenciado das tarefas tipicamente escolares, onde um rasgo de espontaneidade é possível. (p. 3)

Mesmo quando acontecem, os momentos das brincadeiras são sitiados por regras e imposições que caracterizam um demasiado culto pelo controle corporal e que impede que as crianças se levantem ou conversem em um tom de voz um pouco mais elevado. A busca por sempre manter uma ordem, gera falas que diferenciam as "crianças grandes" do Ensino Fundamental das "crianças pequenas" da Educação Infantil quase que repetidamente. Colocando o segundo grupo como incapaz de realizar determinadas tarefas que o primeiro grupo já consegue por ter mais idade.

Vygotsky (1998), que foi ícone muito importante da psicologia histórico-cultural, partiu do princípio de que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito, rompendo com a visão tradicional de que ela é somente uma atividade natural de satisfação de instintos infantis. Ainda, o autor refere-se à brincadeira como uma maneira de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A capacidade para imaginar, fazer planos, apropriar-se de novos conhecimentos surge, nas crianças, através do brincar. A criança por intermédio da brincadeira, das atividades lúdicas, atua, mesmo que simbolicamente, nas diferentes situações vividas pelo ser humano, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes. Desta forma, pensar em momentos e atividades no Ensino Fundamental que envolvam brincadeiras é pensar no desenvolvimento das crianças nos mais diversos aspectos, levando em conta também a necessidade de brincar que as crianças têm.

É interessante pensar também que existe uma preocupação grande por parte das/dos professoras/es de anos iniciais em dar conta de todo o conteúdo anual e em alfabetizar todas as crianças até o final do primeiro ano e que essas/es mesmas/os profissionais são cobrados de diversas formas para que essas metas sejam alcançadas, seja pela gestão escolar, pelas famílias ou pelas avaliações externas e, acabam muita das vezes reproduzindo práticas de uma cultura escolar que há anos vem determinando um modelo de educação onde a reflexão não é ponto importante do

processo educativo, o que nos mostra que nem sempre é fácil pensar em uma nova educação quando ainda estamos submersas/os em moldes antigos. SARMENTO, (2006), nos chama a atenção para a forma como a escola “inventou o aluno” e “institucionalizou a infância”, mas nos lembra que as instituições escolares também são preenchidas pela ação das crianças, seja com protagonismo ou como forma de resistência.

Como pensar então um planejamento que consiga abarcar todos os conteúdos que envolvem o processo educativo no Ensino Fundamental sem perder de vista a importância do brincar e da ludicidade? FORTUNA defende que há a possibilidade de brincar na escola sem negligenciar a responsabilidade sobre o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento. (p.4):

A sala de aula é um lugar de brincar se o professor consegue conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos do aluno. Para isto é necessário encontrar o equilíbrio sempre móvel entre o cumprimento de suas funções pedagógicas - ensinar conteúdos e habilidades, ensinar a aprender - e psicológicas - contribuir para o desenvolvimento da subjetividade, para a construção do ser humano autônomo e criativo - na moldura do desempenho das funções sociais - preparar para o exercício da cidadania e da vida coletiva, incentivar a busca da justiça social e da igualdade com respeito à diferença. No entanto, este é um equilíbrio que o processo educativo persegue sem nunca atingir totalmente, dada a sua própria dinamicidade. (p. 9)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre a transição na qual passam as crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental é importante para reafirmar que, mesmo mudando a etapa de ensino, as crianças continuam sendo crianças e os momentos lúdicos e de brincadeiras precisam ser revistos e encarados de forma positiva e até como parte integrante das propostas pedagógicas elaboradas para as turmas.

Quem são as crianças que estão na escola? O que elas têm a dizer? Quais suas necessidades para além dos conteúdos obrigatórios? Enfim, é perceptível tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental a importância de sempre ter em mente alguns questionamentos que guiem o processo educativo e nos façam refletir a respeito da cultura escolar que permeia a vida escolar, em busca de propostas e práticas que sejam realmente significativas.

A análise realizada no âmbito da Residência Pedagógica evidencia como a cultura escolar muitas vezes reproduz práticas tradicionais que reforçam a dissociação entre brincar e aprender, limitando as possibilidades de desenvolvimento integral das crianças. Ao restringir o brincar a momentos específicos ou utilizá-lo como recompensa pelo cumprimento de tarefas, a escola reforça uma hierarquia de atividades que pode não corresponder às necessidades da infância. Isso demonstra a importância de se repensar o planejamento pedagógico de forma a incorporar a ludicidade como elemento estruturante da aprendizagem, respeitando a natureza da criança e suas formas de expressão e interação.

Além disso, é fundamental reconhecer o papel dos professores e gestores escolares nesse processo. A formação docente deve contemplar a reflexão sobre a importância do brincar e da ludicidade no ensino fundamental, fornecendo subsídios para que educadores possam implementar práticas que valorizem o protagonismo infantil e promovam uma aprendizagem mais significativa. O desafio está em equilibrar as exigências curriculares com um olhar sensível para a infância, garantindo que as crianças tenham experiências escolares enriquecedoras e compatíveis com seu desenvolvimento. Nesse sentido, a Residência Pedagógica se apresenta como uma oportunidade valiosa para o questionamento e a renovação das práticas educativas, aproximando teoria e prática em busca de uma educação mais humanizada e condizente com as necessidades das crianças.

## REFERÊNCIAS

- CASTANHEIRA, M. L.; GOUVÊIA, M. C. S.; NEVES, V. F. A. A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas. *Rev. Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.37, n.1, 2011
- FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.) *Planejamento em destaque: análises menos convencionais*. Porto Alegre: Mediação, 2000
- FREITAS, M. C. (Org.). *História social da infância no Brasil*. 5. ed., rev. e ampl São Paulo: Cortez, 2003
- REVAH, Daniel; GIGLIO, C.M.B.; GOMES, M.O.; MÜLLER, F.; PINHEIRO, A.C.; ABREU, C.B.M.; FAIRCHILD, T.M.; VÓVIO, C.L.; PINTO, U.A. *Manual do Programa de Residência Pedagógica*. Guarulhos: UNIFESP, 2010
- SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008
- VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007